

Um forasteiro dentro da própria casa

Bezerra da Silva deu voz a poetas anônimos do morro e cantou, como ninguém, a dura realidade das periferias, muito antes do rap

FRED SOARES Especial para o Correio da Manhã

Bezerra da Silva atravessou o Brasil de cima pra baixo. Veio do Recife escondido num navio de açúcar, aos quinze anos, com a roupa do corpo e a fome do mundo. Morou quinze anos num barraco do Cantagalo. Dormiu nas calçadas de Copacabana. Vendeu, depois de tudo, três milhões de discos. E mesmo assim o samba tradicional jamais lhe ofereceu uma cadeira à mesa. Procure um LP de luxo de Paulinho da Viola, de Beth Carvalho, entre outros, com o nome dele numa parceria. Não vai achar. Bezerra foi, em vida, um forasteiro dentro da própria casa.

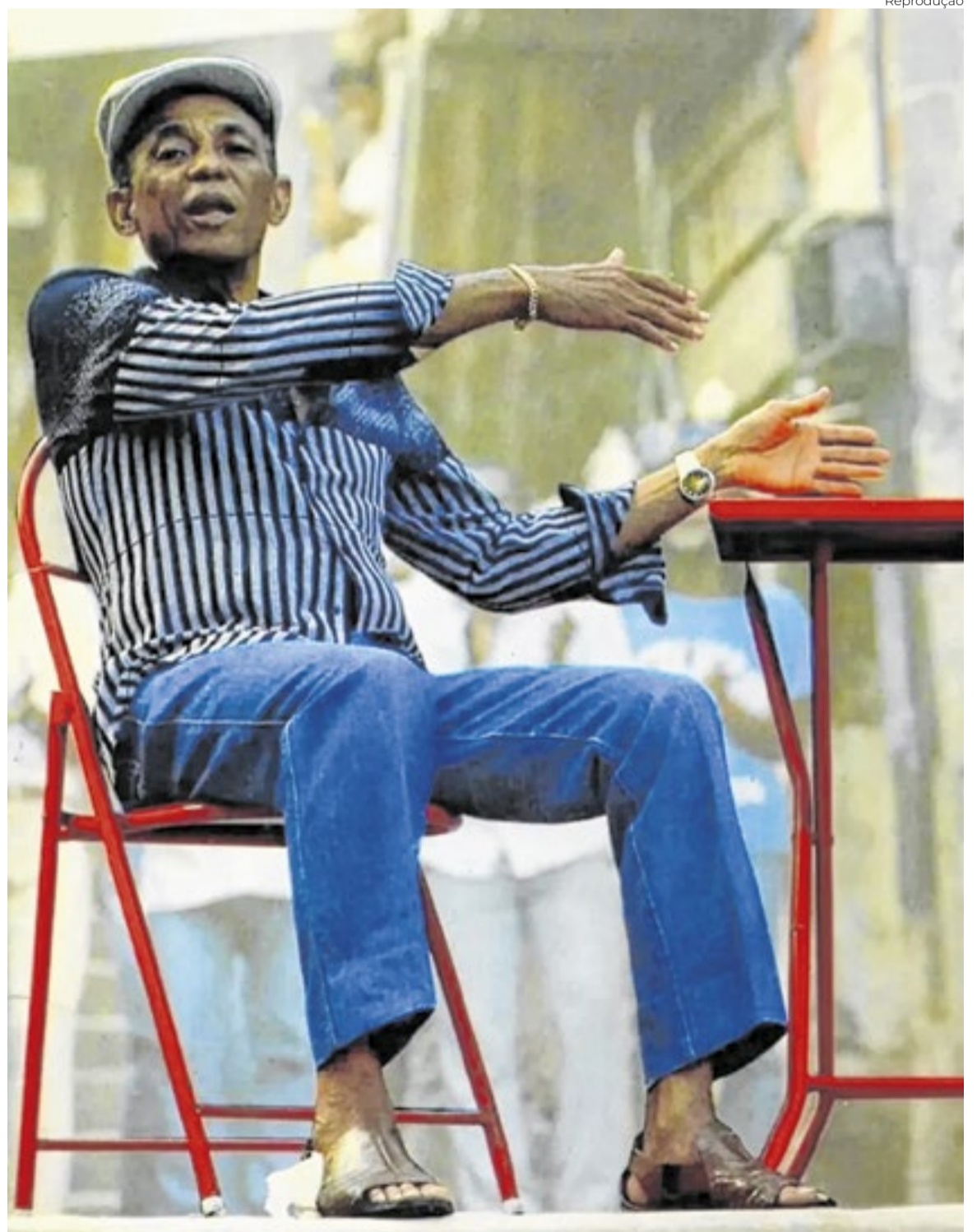
Toda época fabrica os seus malditos. Nos anos 70, o rótulo coube à turma experimental da MPB — Jards Macalé, Sérgio Sampaio, Luiz Melodia, Jorge Mautner, Tom Zé —, gênios estranhos demais para o rádio FM, recusados pelas gravadoras, mas adorados pela crítica e acolhidos na boemia ilustrada da Zona Sul. Bezerra era um maldito de outra estirpe. Não tinha roda de gênios para chamar de sua, nem o halo de artista cult que os jornais concedem a seus prediletos. A maldição dele era mais velha e mais brutal: a de classe e de origem. Vendeu milhões e seguiu invisível para o mundo letrado: favela demais para a academia, bandido demais para a sala de visitas. Os outros foram postos à margem pelo excesso de vanguarda. Bezerra, pelo simples fato de ser o morro em pessoa, cantando.

Em 23 de fevereiro de 2027, esse forasteiro faria cem anos. E a festa que se arma para o centenário tem cara de acerto de contas. O homem que o samba do asfalto tratou à distância vai receber no carnaval reconhecimento no palco maior da cultura nacional. O cantor e compositor será o tema do enredo de uma das escolas de samba do carnaval carioca, que fará o anúncio oficial nos próximos dias. No esplendor da Avenida, a margem vai virar centro.

É o Brasil chegando, com quatro décadas de atraso, à conclusão de que aquele migrante, que veio a se transformar num arauto das favelas cariocas, confirmou o que disse um dia Euclides da Cunha: o nordestino é acima de tudo um forte.

O desfile, porém, será mais um dos tantos momentos em que a memória de Bezerra será recuperada. Em 28 de maio, no Museu do Amanhã, a família lançou o projeto “Bezerra da Silva 100 Anos”, uma operação de resgate em muitas frentes. O projeto é tocado pela Bezerra King, empresa da família que guarda os direitos da obra, com a CUFA e a Favela Holding. A direção geral é de Celso Athayde, ao lado dos filhos do cantor, Léo, Ítalo e Ulisses. A frente mais quente, obviamente, é a musical. Sob coordenação de Preto Zezé, Vinicius Athayde e Fábio Almeida, clássicos de Bezerra ganharão releituras e shows itinerantes na voz de gente que, em tese, não caberia no mesmo palco. Zeca Pagodinho, Dudu Nobre e Jorge Aragão, do samba. Marcelo D2, Dexter, Edi Rock, Orochi, MD Chefê e Delacruz, do rap e do trap. Seu Jorge, Ludmilla e o Jota Quest, puxando para o pop. Quem casou essas tribos todas, em vida, foi o próprio Bezerra.

No audiovisual, vem uma série documental dirigida por Celso Athayde e pelo roteirista Rafael



Bezerra da Silva em foto do disco icônico *Alô malandragem*, maloca o flagrante!

Dragaud, sobre a trajetória e o peso cultural do sambista, e um especial de TV pela Favela Filmes. No teatro, a vida do artista vira musical sob direção de Elísio Lopes Jr. Na literatura, dois livros assinados pelos filhos prometem bastidores e memórias de família. E há um capítulo discreto que talvez sobreviva a todos os outros: o Selo Bezerra 100 Anos, criado pela produtora MUVUKA para organizar e preservar o acervo.

No lançamento, em vez de discurso, teve roda de samba. Dudu Nobre, Preto Zezé e os filhos puxaram clássicos. Foi o jeito mais honesto de começar uma festa que é, no fundo, um velório às avessas.

Para boa parte do público de hoje, gente já de barba na cara, o nome diz pouco. Reparem na injustiça e vamos consertá-la. José Bezerra da Silva nasceu em Recife, filho de uma mulher que o marido abando-

nou ainda na barriga. Aos quinze anos, fugiu da miséria num navio de açúcar e desembarcou num Rio de Janeiro que não o esperava. Foi pintor de parede, servente de obra, mendigo. Tentou morrer e não conseguiu. Alguém lá de cima tinha outros planos para ele.

Tocava percussão desde menino, estudou violão por anos e era um dos raríssimos partideiros que liam partitura, o que lhe valeu até uma cadeira

Reprodução